



A banda Plebe Rude promove audição comentada da edição deluxe do **álbum "O concreto já rachou"**, projeto de estreia lançado em 1986. **Os fundadores André X e Philippe Seabra comentam** as 7 faixas do disco e revelam detalhes da composição e gravação.
Página 16

A photograph of the four members of the band Plebe Rude. They are standing in a row, looking towards the camera. The man on the far left has grey hair and a beard, wearing a dark jacket. The man next to him wears sunglasses and a dark jacket with leopard print shoulder patches. The man in the center has short grey hair and wears a dark jacket. The man on the far right is bald, wears sunglasses, and a dark jacket with a logo on the sleeve.

40 ANOS DE UM CLÁSSICO DO ROCK NACIONAL

Matteo Bocelli:

Cantor italiano chega ao Brasil com repertório de pop romântico muito promissor

muito mais que um sobrenome

PEDRO SOBREIRO

O sobrenome “Bocelli” carrega um legado especial na música. Eternizado com o tenor Andrea Bocelli, basta ouvir esse sobrenome para pensar em emoções que essa voz desperta ao redor do mundo. Dando continuidade ao legado da família, o jovem Matteo Bocelli, filho de Andrea, chega ao Brasil para uma série de shows da turnê ‘Falling In Love’, com um repertório próprio que mostra a razão dele ser considerado uma das principais vozes em ascensão do pop romântico internacional. A primeira parada é em São Paulo, neste sábado (24), no Tokio Marine Hall. Em seguida, ele vai para Curitiba, onde se apresentará no Teatro Positivo, na terça (27). Por fim, ele encerrará a passagem pelo Brasil no Rio de Janeiro, na quinta (29), no Vivo Rio.

Em entrevista exclusiva ao Correio da Manhã, Matteo falou um pouco mais sobre sua carreira na arte e o que o público brasileiro pode esperar de seus shows no país.

Sobre a relação com o pai, Matteo disse que o gerenciamento de carreira de Andrea foi muito importante para que eles crescessem como uma família normal, com a música sempre presente no dia a dia. “Crescer com o meu pai definitivamente significava estar cercado pela música, e isso é uma coisa linda, sabe? Dito isso, mesmo com o meu pai sendo um artista mundialmente famoso, ele nunca foi o tipo de pessoa adepta da hiperexposição. Então, acho que ele soube gerenciar o sucesso de uma forma muito boa para a família. Nós morávamos em cidades pequenas na Itália, onde as pessoas nunca foram muito invasivas, chatas ou irritantes”, conta.

Sobre sua paixão pela música, Matteo disse não lembrar de um momento em que Primeira Arte não estivesse presente em sua vida. “A música sempre fez parte da minha vida. Tanto que acho estranho quem diz não ligar tanto para música, mas tudo bem, as pessoas são diferentes. Enfim, cresci tocando piano, e cantar é algo que vim fazendo sozinho



Matteo Bocelli disse sentir saudade da alegria natural dos fãs brasileiros e afirmou estar ansioso para voltar ao país neste nova turnê

na infância, com exceção do final do ensino médio, que foi quando entrei no conservatório de música para canto. Mas de resto, foi sempre um crescimento natural. E era engraçado porque eu ficava enchendo o saco do engenheiro de som do meu pai para irmos ao estúdio gravar a minha voz. Eu queria poder me ouvir de volta para entender se eu gostava da minha voz ou não. E pronto, eu nunca mais parei e hoje estamos aqui”, recorda.

Voz que exalta raízes

O trabalho de Matteo tem a peculiaridade. Ao mesmo tempo que exalta suas raízes italianas, incorpora acordes e batidas do rock romântico e do pop internacional. No entanto, Matteo não busca entregar ao público uma mensagem pronta. E prefere que cada ouvinte reaja e crie significados por conta própria.

“Eu nunca quis passar uma mensagem específica, como as pessoas que fazem álbuns com um conceito. Para mim, cada música tem sua própria história, sua narrativa. Eu sempre menciono o Freddie Mercury, que uma vez

disse em uma entrevista: ‘Não sou o tipo de pessoa que gosta de falar sobre a história por trás da música’. Concordo com ele e prefiro que as pessoas interpretem cada música à sua própria maneira”, comenta. “E acima de tudo, eu acredito que cada música deixa em nós uma energia, que é algo indescritível. Então, para este último álbum (“Falling In Love”), escolhi as músicas que achei que eram as melhores, as que mais me emocionaram nesses últimos dois anos. O meu maior objetivo era produzir o disco todo da maneira mais orgânica possível. Por isso, eu basicamente montei o estúdio em casa para que uns 80% do álbum soasse o mais real possível”, completa.

Ele também falou sobre a experiência libertadora que foi gravar “Falling In Love”. “Nós gravamos um jamming incrível. Então, abordamos cada música de forma conjunta. Nós tocamos juntos porque eu queria que todos se sentissem extremamente livres na interpretação das músicas. E foi isso o que aconteceu. Nós basicamente fizemos esses improvisos em cada música e construí-

mos cerca de 70% da produção. Obviamente, o produtor Martin Terefe fez um trabalho incrível finalizando o disco. Mas sim, era o meu sonho, digamos assim, poder trabalhar nas músicas à moda antiga”, pontua. “Foi delicioso poder voltar ao tempo em que as bibliotecas digitais de som nem existiam. O ‘Falling In Love’ foi mais como gravar um disco em uma sala. Foi muito divertido”, avalia.

Retorno ao Brasil

Por fim, ele falou sobre voltar ao Brasil e disse estar muito ansioso. “Sobre a turnê, comparado à primeira vez que fui ao Brasil (em 2024), que foi mais trabalhada nas cordas, aqui eu quis levar para o palco a experiência da banda completa. Estarei no palco com o meu diretor musical nos teclados, mas também com guitarrista, baixista e baterista. Esta é definitivamente uma fase da minha vida em que estou gostando muito de dividir o palco com essas pessoas. Eles não são apenas talentos incríveis, mas também seres humanos maravilhosos”, diz.

Matteo Bocelli revela que

desde seu primeiro álbum, “Matteo” (2023), a estrada tem sido para ele “uma segunda família”. “E você não faz ideia do quão importante é estar rodeado de pessoas que te apoiam, acreditam no seu projeto e que querem o melhor para você. Isso é fundamental, porque você está longe de casa, dos amigos, e escolher as pessoas certas ao seu redor é a coisa mais importante”, aconselha o cantor.

“Tenho certeza de que vai ser divertido, porque o Brasil é um lugar muito divertido. Eu gosto daí, gosto das pessoas e sempre fico muito feliz quando volto. Estou muito animado para ir tocar aí. Sabe, as pessoas costumam me dizer: ‘Matteo, você está sempre sorrindo, nunca perca isso, porque é um dos seus maiores tesouros’. Eu nem percebo, porque é algo natural. Mas acho que entendo a visão dessas pessoas sobre mim quando vou ao Brasil, porque as pessoas daí são muito sorridentes, muito acolhedoras. E acho que é muito importante ter esse tipo de alegria. Por isso eu amo os fãs brasileiros e é por isso que sinto saudades daí”, explica.



Oswaldo Montenegro se vale dos 12 signos do zodíaco para construir uma crônica de costumes e comportamentos

Gravado em 1983, 'A Dança dos Signos' volta aos palcos em versão multimídia, com painel de LED e projeções para celebrar os 70 anos de seu criador Oswaldo Montenegro

É tempo de entender as diferenças

AFFONSO NUNES

Há quem explique as diferenças entre as pessoas sob a lógica do zodíaco. E se pessoas de personalidades tão distintas precisam repartir o mes-

mo mundo por que não exercitar nossa empatia e tolerância? E foi a partir dessa ideia que o cantor e compositor Oswaldo Montenegro forjou, em 1983, aquele que viria a ser o seu maior sucesso, o musical "A Dança dos Signos". Mais de quarenta anos depois, ela chega repaginada ao palco do Qualistage nesta

sexta-feira (23), por ocasião do aniversário de 70 anos do Menestrel.

Toda festa de aniversário começa por uma lista de convidados. No caso de Oswaldo, a apresentação abre com "A Lista", canção em que ele nomeia presenças e ausências antes de abrir passagem ao zodíaco. O número funciona como prólogo

desta "A Dança dos Signos" em versão multimídia com painel de LED e projeções.

Entre um signo e outro, o artista bate papo com o público, falando sobre figuras icônicas de cada signo, cantando ou fazendo citações instrumentais de alguns deles, como "Your Song", do ariano Elton John e trechos de músicas do libriano John Lennon e dos geminianos Paul McCartney, Bob Dylan e Chico Buarque. O enredo também passa por canções de sua carreira, como "Bandolins", "Lua e Flor", "Intuição" e "Incompatibilidade", incluindo aí o seu consagrado poema "Metade", tudo guiado por um fio condutor emocional extremamente bem costurado.

Fugindo dos estereótipo do horóscopo como previsão de acontecimentos, Oswaldo encarou os doze signos como personagens de uma pequena comédia humana, movidos por vaidade, desejo, medo e pelas artimanhas da convivência.

Na remontagem, a cenografia de época dá lugar a uma tela que responde ao palco com Oswaldo na viola de 12 cordas, Madalena Salles (flauta), Janaína Salles (cello) e o multi-instrumentista Alexandre Meu Rei. Bailarinos e atores convidados surgem projetados, em cenas, sombras e coreografias que acompanham a passagem de um signo a outro.

"Hoje, estamos em outra época, temos outros recursos técnicos", resume Madalena Salles, parceira de longa data do compositor.

SERVIÇO

OSWALDO MONTENEGRO - A DANÇA DOS SIGNOS

Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca) 24/10, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 70

O Ceará como bússola de uma carreira de sucessos

Fagner revê mais de cinco décadas de repertório neste sábado no Vivo Rio

Em "Mucuripe", a imagem do pescador que deixa o cais para buscar a sorte foi escrita quando Raimundo Fagner ainda dividia a juventude cearense com Belchior. É o cartão de embarque de uma obra repleta de grandes sucessos ao longo de 50 anos de carreira. Neste sábado (24), Fagner volta ao palco do Vivo Rio com o show comemorativo que vem correndo o país.

Raimundo Fagner Cândido Lopes nasceu em Fortaleza, mas foi registrado em Orós, onde cresceu. A dupla origem explica uma discografia que oscilou entre

o urbano e o sertanejo.

No palco, além da citada "Mucuripe", Fagner resgata o lirismo de Cecília Meireles em "Canteiros" e canta o amor sob vários ângulos como em "Borbulhas de Amor" - adaptação de uma bachata de Juan Luis Guerra, que conquistou corações brasileiros; "Espumas ao Vento", de Accioly Neto; e em "Deslizes", que o levou ao repertório romântico de rádio sem abandonar sua marca vocal.

Há quem ouça rouquidão nos timbres vocais do artista, mas sua interpretação trabalha mais perto



Leonardo Rodrigues/Divulgação

Fagner apresenta neste sábado no Vivo Rio os maiores sucessos de uma carreira recheada de grandes canções

da fricção que da lisura: uma voz que estica as vogais, interrompe a frase e transborda emoção antes do acabamento.

Com décadas de palco, Fagner sabe exatamente a receita do bom repertório. "É o público quem determina", costuma repetir.

E assim o cearense vem lotando teatros e ginásios desde os anos 1970. O show desta fim de semana se apoia nesse pacto: não apresenta álbum novo, mas reorganiza uma memória sonora marcante.

Fagner correu mundo. Gravou com Nara Leão, Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Chico Buarque, Zeca Baleiro e Mercedes Sosa, mas o Ceará é sua bússola. (A.N.)

SERVIÇO

FAGNER

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 24/10, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Um mapa sonoro do Nordeste

Grupo pernambucano SaGRAMA traz ao Rio repertório que passa por obras de Capiba e Luiz Gonzaga, além de temas autorais

Em sânscrito, Sagrama é uma escala de dó. O grupo pernambucano que adotou o nome passou três décadas afinando uma escala própria, feita de frevo, maracatu, caboclinho e baião. Nesta sexta-feira (23), às 19h, o SaGRAMA celebra os 30 anos no Espaço Cultural BNDES, com o show “SaGRAMA 30 anos – Tributo às Raízes Nordestinas”, percurso de 16 peças do cancionário de Capiba, Luiz Gonzaga, Dimas Sedícias e composições próprias.

Criado em 1995 numa disciplina do Conservatório Pernambucano de Música, o grupo começou tocando música de câmara erudita brasileira — Villa-Lobos e Radamés Gnattali — e só depois desceu às matrizes populares. “Eu ia para os frevos-de-bloco, maracatus, caboclinhos. Chegamos à conclusão de fazer uma música mais popular, sair do rótulo de música de câmara”,



Lucas Emanuel/Divulgação

O SaGRAMA tem origem na música de câmara, mas incorporou o repertório popular nordestino

recorda o flautista e arranjador Sérgio Campelo, fundador ao lado de Cláudio Moura e Antônio Barreto, professores que ensaiam às terças e quintas, com sala aberta aos alunos.

Boa parte do cancionário veio do compositor Dimas Sedícias (1930-2001). “Ele disse que tínhamos uma sonoridade diferente, exótica (...) e começou a nos trazer com-

posições escritas especialmente para nossa formação”, lembra Campelo. O primeiro disco, de 1998, vendeu 16 mil cópias e deixou o grupo finalista do Prêmio Sharp; desse acervo

saiu a trilha de “O Auto da Compadecida” (2000) — mais de 30 vinhetas compostas a pedido do roteirista João Falcão. A faixa “Presepada” reapareceria em “O Auto da Compadecida 2” (2024).

O programa equilibra esses dois lados. De Campelo e Moura vêm “Guerreiro do Além Mar”, “Mingau de Cachorro”, “Batata Doce”, “Mutalambô” e “Palhaço Embriagado”; de Sedícias, “Papagaio de Papel”, “Riacho Encantado”, “Mária, Maria, Maria”, “Caboclos de Orubá” e “Rói-Couro”; de fora, “Eh! Luan-da”, de Capiba, “Choro Miúdo”, de Bozô, e “Mundo do Lua”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Na percussão, Antonio Barreto, Dannielly Yohanna, Isaac Souza e Tarcísio Resende; completam Aristide Rosa (violão), Moura na viola sertaneja, Crisóstomo Santos (clarinete), Ingrid Guerra (flauta) e João Pimenta (contrabaixo).

A discografia soma dez álbuns. Com Elba Ramalho no DVD “Cordas, Gonzaga e Afins”, vieram o Prêmio da Música Brasileira 2016 e a indicação ao Grammy Latino. “Não conheço nenhum grupo de música instrumental que se sustentou por tanto tempo”, avalia Campelo. “Se a gente se juntasse só para fazer música e ficar esperando fechar contratos para show, o grupo talvez já tivesse acabado.”

SERVIÇO

SaGRAMA 30 anos
Espaço BNDES (Av, Chile, 100)
23/10, às 19h. Grátis

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ricardo Silveira recebe amigos no Manouche

Um dos mais aclamados guitarristas brasileiros, Ricardo Silveira completa 70 anos e reúne amigos e parceiros musicais neste sábado (24), às 21h, no palco do Manouche. Ele recebe Celso Fonseca, Leo Gandelman, Armando Marçal, Pedro Silveira, Ricardo Leão, Romulo Gomes, Vanessa Rodrigues e Teo Lima numa jam que percorre diferentes tempos de sua música. R\$ 160 e R\$ 80.



Gui Silva/Divulgação

BNegão mostra nova canção na Caixa Cultural

BNegão entra no universo do Pequeno Cidadão em duas sessões que põem malabares, acrobacias, projeções e rock infantil no mesmo palco. A novidade é “Cara de Abacate”, canção que transforma batuque e percussão corporal em rock psicodélico; entre os shows, uma oficina gratuita ensina parte do jogo rítmico. Sábado (24), às 11h e 16h; e oficina, às 14h, no Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural. Ingressos Entre R\$ 10 e R\$ 30.



Divulgação

Amanda Mendonça canta Djavan

Nascida em Maceió, a mesma cidade de Djavan, Amanda Mendonça volta ao Espaço Cenáculo para seu segundo encontro carioca com o repertório do compositor. Depois da estreia esgotada, a cantora e compositora retoma “Oceano”, “Flor de Lis”, “Samurai”, “Meu Bem Quer”, “Lilás”, “Pétala” e “Sina”, em voz e violão, ao lado de Luiz Lopez. Sexta (23), às 20h, no Espaço Cenáculo. R\$ 50.



Divulgação

Leall reúne sucessos e novidades

Depois de lançar o EP “Você Precisa do Alibi”, Leall volta ao Circo Voador em show que mostra as canções deste trabalho com seus sucessos “Cachorrada”, “Criminal Influencer” e “Vivência Maldita”. As faixas deste rapper de Marechal Hermes chegam com a urgência de quem conhece o subúrbio e a pista. Sexta (23), a partir das 20h. R\$ 200 e R\$ 100 (meia).



Divulgação

CRÍTICA LIVROS |

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Escolhas de livros
E DE VIDA

Fotos/Divulgação

Os saudosos das livrarias de rua ainda não se conformam com o provável fim desses estabelecimentos onde tantos passaram horas folheando as mais diversas publicações, muitas vezes saindo de lá sem levar nenhuma. Há indicações claras sobre o ocaso das livrarias físicas, às quais correspondem 40% do volume de vendas de livros no país, enquanto 55% das compras do setor são feitas online.

Na Internet, o leitor é incessantemente assediado por plataformas e editoras. Apesar da eficiência do comércio online, o algoritmo ainda confunde as preferências do freguês e oferece romances eróticos femininos a quem porventura se interessou por uma nova edição de “O Morro dos Ventos Uivantes”.

Para evitar enganos do entusiasmado algoritmo, vale contar com as recomendações de críticos ou de autores consagrados. O peruano Mario Vargas Llosa era pródigo em destacar boas leituras, daquelas que leva à compra de olhos fechados. Na apresentação de “A Relíquia Perdida” (Vestígio, R\$ 39,90), de Alejandro G. Roemmers, ele informa que o thriller pertence a um gênero originário da Inglaterra do século XVII, a “novela de circulação”, protagonizada por objetos inanimados que podiam ser trocados, vendidos, presenteados, passadas de mão em mão, às vezes por várias gerações, como o misterioso “último violino Stradivarius” que uma dupla de policiais paraguaios investiga por estar ligado ao um homicídio.

Depois de discorrer sobre o segmento literário e comentar o ecletismo da produção do autor, Vargas Llosa diz ter certeza de que os leitores “saberão apreciar” a novela – o que pode indicar um apreço distraído – ou profissional - ao texto.

A época do ano também pode ajudar o empenho na boa compra de livro. Quando chega setembro e outubro e está próximo dos anúncios do Nobel, vale sempre encomendar algo de Joyce Carol Oates, a americana de 88 anos, vez por outra lembrada como um bom nome para o prêmio de Literatura. Escreveu cerca de 60 romances, além de contos, nos quais transita do gótico



ao fantástico, com personagens, geralmente brancos pobres, que sobrevivem de subempregos muito distantes do sonho de prosperidade alardeado por Donald Trump, a quem se opõe. Um dos seis prêmios Bram Stoker – destinado a ficção de terror e fantasia – que ganhou, 2017, é “Jardim das bonecas” (Darkside, R\$ 50), cujos protagonistas são predadores levados à criminalidade por diferentes fatores sociais combinados a patologias diversas. Além de boas tramas e muita crí-

tica social, Oates tem uma técnica narrativa que se destaca no panorama da ficção contemporânea.

Há cerca de três anos, o jornalista Patrick Radden Keefe lançou “Império da dor” (Intrínseca, R\$ 65), um contundente relato sobre a indústria farmacêutica norte-americana e o comércio de opiáceos nos Estados Unidos. Com a mesma força narrativa, em “Uma queda em Londres” (Intrínseca, R\$ 109,90), ele se debruça sobre os esforços dos pais de Zachary Brettler,

de 19 anos, para entender o que levou o filho a se atirar da varanda de um apartamento à beira do Rio Tâmisa. O fascínio pela ostentação talvez explique os motivos para Zachary fingir ser filho de um oligarca russo, como contava aos colegas do internato caríssimo onde estudava. A família desconhecia a amizade do rapaz com gangsters; até hoje os motivos de sua morte não foram totalmente esclarecidos. Bem mais do que uma investigação de “true crime”, o livro faz uma imersão nas

mudanças da sociedade inglesa a partir dos anos 1980, quando imóveis de luxo ocupam a antiga zona portuária do Tâmisa. A região tornou-se a favorita para investimentos de estrangeiros, o que a tornou praticamente sem moradores, com apartamentos desocupados e às escuras durante a noite.

Neste fim de semana, decidimos quem governará o Brasil nos próximos quatro anos. “Um país se faz com homens e livros”, dizia Monteiro Lobato. Que seja assim.

CRÍTICA TEATRO | PIAF – EU NÃO ME ARREPENDO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Nasce uma diva

Com biografia acidentada, a cantora francesa Édith Piaf ultrapassou seu próprio tempo, transformando-se numa das maiores vozes do século XX. Infância pobre, abandonada pela mãe, perambulando pelas ruas com o pai, casamentos frustrados, morte da única filha, viciada em cigarros e bebidas alcoólicas, atormentada física e psicologicamente, a artista reuniu elementos que favoreceram uma narrativa dramática.

Católica fervorosa e devota de Santa Terezinha, aprumou-se e trilhou um caminho repleto de tropeços, desde seu começo num cabaré na Champs-Élysées até os píncaros da glória no Carnegie Hall. “Piaf – Eu Não Me Arrependo”, com texto de Newton Moreno e Alessandro Toller é fluido, na medida que organiza uma carpintaria dimensionando a tragicidade dos fatos. Os autores determinam que “La Vie en Rose”, “Hymne à l’amour”, “Mon Dieu”, “Non, Je Ne Regrett Rien” estabeleçam novos rumos na linguagem dramatúrgica.

Amparado por uma requintada produção da Aventura, sob o comando de Anieli Jordan e Luiz Calainho, o diretor Sergio Módena



Laila Garin agiganta-se no palco com sua interpretação da maior cantora francesa

aposta numa estética visual grandiosa, recortando as lembranças da artista. Cenas movimentadas em pequenos palcos sobre rodas, remetem à vida circense e ao espaço no qual Piaf estruturou seu apogeu, dinamizando a montagem.

Laila Garin abrilhanta-se todo o tempo e consagra seu posto como uma das maiores intérpretes do teatro brasileiro diante de sua

técnica irrepreensível que sustenta uma Piaf emocionante. Viveu Elis Regina e Joana, de “Gota D’Água, Selminha, de “O Beijo no Asfalto”, em musicais, enobreceu “As centenárias”, seu penúltimo espetáculo, configurando uma carreira sólida, entre vários prêmios e indicações. Uma musculatura vocal sustenta vibratos e melismas, nos quais a audiência se regozija.

É tocante quando canta para os presidiários franceses. O grito silencioso ao receber a notícia do falecimento de seu amado pugilista é impressionante. No segundo ato, Garin agiganta-se e desenvolve uma corporeidade impactante, apoiada pelo ótimo Alonso Barros, com um gestual contido transporta-nos a dor da personagem, mas ao final da última canção, o corpo

revive e se compreende todo o talento da diva.

A Momone de Luciana Ramanzini é bem elaborada, tanto na concepção dramática quanto nos estados cômicos. Bruna Pazinato fulgura ótima posição cênica. Erika Riba diverte sua Santa, enquanto Leonardo Ventura impõe segurança nas personagens. Martina Blink trafega bem. Patrick Amstalden brilha, sobretudo, em Marcel. Claudio Lins se sai melhor em Jean Cocteau, mas Bernardo Berro apresenta dicção comprometida, mesmo no bom desenho de seu Leplée. Gabriel Vicente, Thiago Marinho, Bruno Ospedal, Carol Lippi, Shantala Marthins, Vitor Veiga e Vinicius Cosant completam o elenco, que canta lindamente.

A direção musical de Cláudia Elizeu é primorosa. A cenografia de André Cortez ostenta e delimita os espaços, com estrutura vazada e aparatos que descem do urdimento. Karen Brusttolin mantém o vestido preto como marca registrada da cantora, as atrizes apresentam graus diferentes de sobriedade e exuberância, enquanto ternos, suspensórios e calças de cintura alta se referem ao vestiário masculino do início do século passado. Feliciano San Roman e Keila Santos acertam no visagismo e maquiagem. A luz de Wagner Antônio abusa das ribaltas, ressalta a angústia, além de demarcar as ambiências.

Tomara que o legado de Bibi Ferreira e, agora, o de Laila Garin possam impulsionar Piaf a se perpetuar nos palcos brasileiros.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Nana Moraes/Divulgação



Assolada pela rotina

Mariana Santos está no solo “Morra, Amor”, com direção de Victor Garcia Peralta, no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch. A adaptação é da própria argentina Ariana Harwicz para seu romance homônimo, publicado em 2012. Em cena, a personagem vive o sufoco da rotina doméstica, a claustrofobia da maternidade recente e a desconexão do próprio casamento, até atrair para si impulsos sombrios e pensamentos violentos, à beira de um colapso entre o civilizado e os instintos primitivos. Até 2/11. Ingressos entre R\$ 50 a R\$ 120.

Moa Almeida/Divulgação



Tempos difíceis

Igor Cosso protagoniza o monólogo “Cruise – Minha Última Noite na Terra”, em cartaz no Teatro Gláucio Gill. Primeira montagem brasileira do texto do britânico Jack Holden, a peça traz Jack, voluntário de um serviço de apoio telefônico à comunidade LGBTQIAPN+, que, numa madrugada, atende à ligação de Michael, veterano da crise do HIV nos anos 80. A conversa transporta o jovem ao Soho londrino, entre as pistas de dança de uma época em que o diagnóstico era tido como sentença de morte. Até 2/11. R\$ 70 e R\$ 35 (meia).

Divulgação



Busca por sentido

O espetáculo “Os Cegos”, do dramaturgo belga Michel de Ghelderode, (1898-1962) encerra sua temporada no Cine Teatro Joia, em Copacabana, no dia 29. Com adaptação e direção de José Maria Rodrigues, a montagem foi ambientada no início do século XX e ganhou uma personagem feminina inédita, a única capaz de enxergar. A peça aborda fé, ilusão e a busca por sentido. O elenco tem Carlos Maya, Gina Teixeira, José Maria Rodrigues e Tuninho Rosamalta. Ingressos a R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

REYNALDO RODRIGUES

Especial para o Correio da Manhã

A Cia de Cantores Líricos de Brasília leva a ópera Carmen, do compositor francês Georges Bizet, a João Pessoa (PB) e São Luís (MA), em novembro. As apresentações serão realizadas nos dias 7 e 8, no Teatro Roza, na capital paraibana, e em 25 e 26, no Teatro Arthur Azevedo, na capital maranhense. As sessões começam às 19h, com entrada gratuita e classificação indicativa de 12 anos. A circulação é realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Com direção cênica de James Fensterseifer, responsável também pela iluminação e pelos cenários, a montagem passou por Fortaleza (CE), nos dias 16 e 17 de outubro. A proposta da companhia é aproximar o público do gênero operístico sem abrir mão de suas características musicais e dramáticas. As apresentações são cantadas na língua original, com legendas, e contam com a participação de solistas, coro e orquestra das cidades visitadas.

Fundada em 2008, a Cia de Cantores Líricos de Brasília tem como integrantes fixos Renata Dourado, Érika Kallina, Gustavo Rocha e Rafael Luiz Ribeiro. A montagem de Carmen tem Érika Kallina no papel principal, Rafael Ribeiro

Um furacão chamado Carmen

A Cia de Cantores Líricos de Brasília entra em circulação nacional com a eterna ópera Carmen, do francês Georges Bizet



Divulgação

Cia de Cantores Líricos de Brasília com ópera "Carmen"

como Don José, Renata Dourado como Micaela e Gustavo Rocha como Escamillo. A regência fica a cargo de maestros locais: Leandro Serafim, em Fortaleza; Wendell Kettle, em João Pessoa; e Daniel Cavalcante, em São Luís.

Desafia convenções

Ambientada em Sevilha, na Espanha, no século 19, a ópera acompanha Carmen, uma trabalhadora de uma fábrica de cigarros que é presa pelo militar Don José. Para conseguir a liberdade, ela o seduz e promete corresponder ao seu amor. O envolvimento muda o destino do soldado, que acaba preso. A trama também apresenta Escamillo, um toureador que se apaixona pela protagonista, e Micaela, conterrânea de Don José que chega à cidade com uma notícia inesperada. Composta por Georges Bizet e estreada em 1875, Carmen rompeu convenções da ópera de sua época ao apresentar personagens e conflitos mais próximos da realidade, além de incorporar ritmos e sonoridades associados à cultura espanhola.

Para a soprano Renata Dourado, fundadora da companhia, a obra mantém sua relevância ao provocar reflexões sobre a liberdade das mulheres. A circulação também permite que a produção brasileira dialogue com públicos de diferentes regiões, com a participação de profissionais locais na composição musical.

Cia. Dos à Deux na peça "CONFUZO"

Espectáculo reflete sobre o corpo que resiste e o desejo de pertencimento em um tempo em colapso total

A Cia. Dos à Deux apresenta "CONFUZO (está escurecendo dentro de mim)" no CCBB Brasília, de 22 de outubro a 8 de novembro. Conhecida pelo teatro gestual e visual, a companhia explora pela primeira vez a palavra em cena na montagem, que combina movimento, luz, som e artes visuais. As sessões ocorrem de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 16h30 e 20h, com apresentações extras em 28 de outubro, às 20h, e 2 de novembro, às 18h. Os ingressos custam R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).

Com direção, dramaturgia, cenografia e atuação de André Curti e Artur Luanda Ribeiro, a peça acompanha dois personagens: o Homem-Árvore, que tenta criar raízes em um ambiente que o rejeita, e o Homem-Luz, que pedala uma



Renato Mangolin

De narrativa visual impactante, a Cia. Dos à Deux chega ao DF

bicicleta para gerar a energia usada na iluminação do espetáculo. A trama aborda pertencimento, exclusão e resistência

em meio a um cenário de crise social, ambiental e emocional.

A temporada também inclui sessões do documentário "O Gesto entre Nós", sobre a

trajetória artística e pessoal dos fundadores da companhia. As exposições serão em 24 e 31 de outubro e 7 de novembro, às 16h30, no cinema do CCBB, com entrada franca. Em 5 de novembro, das 14h às 17h, os diretores conduzem a oficina "A Utopia da Pesquisa", também gratuita, com interpretação em Libras. A companhia foi fundada em Paris, em 1998, e já se apresentou em mais de 50 países.

SERVIÇO

Espectáculo CONFUZO

• Local: Teatro do CCBB Brasília

• Dia e horário: quinta-feira, 5 de novembro, das 14h às 17h

• Classificação: não recomendado para menores de 17 anos

SEXTOU! UM DF DE O

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

TEATRO

A Chorona

✱ O Coletivo ARAR estreia A Chorona em 31 de outubro, às 20h, no Teatro dos Ventos, em Águas Claras. A peça acompanha Maria Agonia, uma carpi-deira que perde a capacidade de chorar e busca recuperar suas lágrimas. Com direção e dramaturgia de Vinícius Ávlis e atuação de Irina Buss, o monólogo combina comédia e tragédia para discutir feminicídio e memória. A entrada é gratuita. No domingo (1º), às 17h, haverá sessão com audiodescrição e Libras.

Céu de Pêssego

✱ A Quasar Cia de Dança apresenta Céu de Pêssego nos dias 23 e 24 de outubro, às 20h, na Sala Martins Penna do Teatro Nacional Claudio Santoro, em Brasília. Com coreografia de Henrique Rodovalho, a montagem reúne 8 bailarinos e explora a efemeridade e a beleza do momento presente. A criação combina movimentos de alta exigência física, solos e conjuntos, com trilha sonora de Fred Ferreira e Livia Nestrovski e figurinos de Cássio Brasil. O cenário, assinado por Brasil e Rodovalho, tem piso coberto de veludo cinza, cuja textura registra os movimentos dos bailarinos ao longo da apresentação. Os ingressos custam R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia-entrada).

Construindo Brasília

✱ A Estupenda Trupe encerra em outubro as apresentações de “Festa do Sol”, no Museu Vivo da Memória Candanga. As sessões finais ocorrem nos dias 22 e 26, às 10h e 14h. A peça aborda a construção de Brasília e a participação de candangos e candangas na formação da capital. O projeto “Memória Candanga – Teatro, Educação e História – Ano II” é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF) e oferece acessibilidade com Libras e audiodescrição.

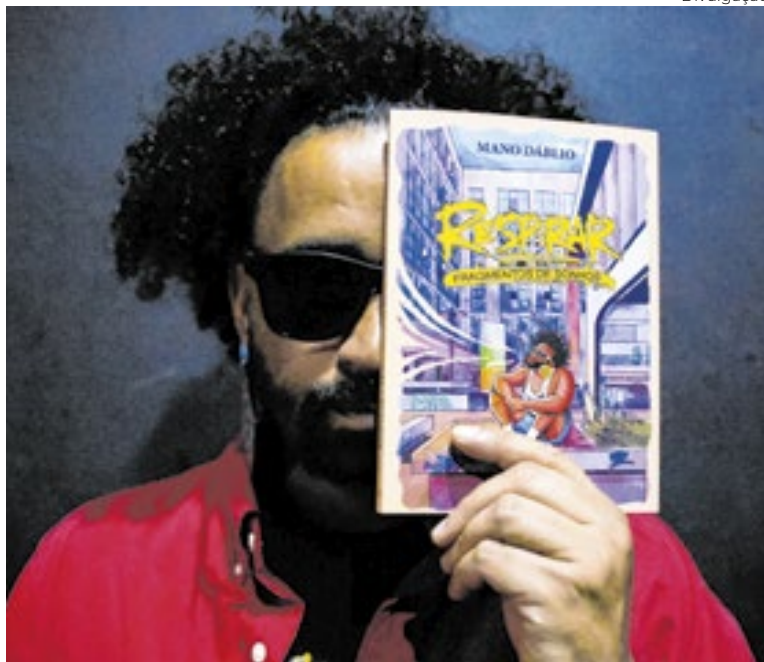
Festival Despertacular

✱ O Festival Despertacular realiza sua 4ª edição de 29 de outubro a 1º de novembro, no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília. Com entrada gratuita, a programação ocorre das 8h às 22h e reúne teatro, cinema, dança, oficinas, performances, música e exposições voltadas à arte em língua de sinais. Idealizado pelos artistas



Isabela França

Entre o riso e as lágrimas, A Chorona traz reflexão contemporânea sobre a morte



Divulgação

Mano Dáblío lança livro de poesias

e pesquisadores surdos Renata Rezende e Lucas Sacramento, o evento também promove atividades formativas e uma feira de empreendedores surdos. O projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF). A classificação é livre.

LANÇAMENTO

Poesias com acessibilidade

✱ O poeta, rapper e slammer Mano Dáblío lança, em 29 de outubro, o livro RESPIRAR – Fragmentos de sonhos, com poemas produzidos ao longo de

20 anos. O evento ocorre às 19h, no Ponto de Cultura Invenção Brasileira, no Mercado Sul de Taguatinga, com entrada gratuita e sessão de autógrafos. A obra terá versões impressa, em Braille e audiolivro, com distribuição gratuita. Após o lançamento, exemplares serão enviados a escolas, bibliotecas e espaços culturais do DF.

PROJETO

Barraca de Memórias

✱ O projeto Barraca de Memórias chega ao Guarã em 27 de outubro, com uma atividade de



Divulgação

Encontro de Iluminadoras encerra programação

escuta em que mulheres idosas compartilham objetos e relatos sobre a história da região. A iniciativa da Todo Público com o Coletivo ENTREVAZIOS também promove, de 3 a 19 de novembro, 10 exposições mediadas de um minidocumentário, seguidas de conversas. A programação inclui sessões com acessibilidade em Libras e audiodescrição. Os registros serão incorporados ao Acervo Poético de Objetos.

Encontro de Iluminadoras

✱ O Encontro de Iluminadoras encerra a programação neste

sábado (24), das 13h às 20h, no Teatro Sesc Silvío Barbatto, no Setor Comercial Sul, em Brasília. Gratuita e sem necessidade de inscrição, a atividade terá roda de conversa sobre equidade de gênero, organização coletiva e condições de trabalho na iluminação cênica e no audiovisual. Mediado por Zizi Antunes, o debate reunirá profissionais para discutir barreiras no setor e estratégias de mudança. O projeto também oferece formação a 30 mulheres do DF.

Oficina de teatro

✱ O musical infantil “O Menino e

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Mostra de Athos Bulcão



Barraca de Memórias leva histórias de mulheres pioneiras do DF



Últimas sessões gratuitas de "O Menino e o Tempo"



Noite dos Disfarces reúne rock e fantasias

o Tempo" terá suas duas últimas sessões da temporada em 24 de outubro, às 16h e 19h, no Teatro dos Ventos, em Águas Claras. As apresentações serão gratuitas, com Libras integrada à encenação e audiodescrição. O projeto, realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), também oferece oficinas gratuitas de iniciação teatral e musicalização em 31 de outubro, na Biblioteca Pública de Águas Claras. São 30 vagas por oficina, com intérprete de Libras. As inscrições estão disponíveis no Instagram @omeninoeotempo e em formulário on-line.

Imersão ao Hip Hop

✱A Casa do Hip Hop DJ Jamaica, em Ceilândia, recebe em 12 de novembro, das 9h às 12h, uma imersão gratuita em celebração ao Dia Mundial do Hip Hop. A atividade é a última ação aberta ao público do TRA-M4U neste ano e prevê oficinas

de grafite, rima, DJ, breaking e moda urbana. Cerca de 80 estudantes da rede pública participarão da programação, que inclui a exposição "Álibi: Uma Homenagem", do artista Elom. As inscrições são feitas pelas redes sociais do projeto.

EXPOSIÇÃO

Mostra de Athos Bulcão

✱A exposição Entre Tempos, dedicada a diferentes fases da produção de Athos Bulcão, foi prorrogada no Mezanino da Livraria Travessa, no Casapark. Com curadoria de Valéria Cabral, a mostra reúne mais de 40 obras, algumas inéditas para o público, de coleções particulares. A seleção inclui desenhos, pinturas e trabalhos produzidos entre 1943 e os anos 2000, além de peças relacionadas ao Carnaval e aos estudos de medicina do artista. A exposição apresenta aspectos de sua trajetória além dos conhecidos painéis de

azulejos de Brasília. A visita segue até 27 de outubro.

Beleza da Ikebana

✱A 39ª edição da mostra anual da Ikebana Sogetsu Brasília será realizada de 23 a 25 de outubro, na praça central do Casapark, em Brasília. Com entrada gratuita, a exposição reúne cerca de 45 arranjos feitos com flores, galhos, frutos e materiais não convencionais. O tema "Ikebana – Natureza em Movimento" celebra os 100 anos da escola Sogetsu, conhecida pela abordagem moderna da arte japonesa. No sábado (24), às 17h, haverá palestra demonstrativa gratuita no Espaço Casa, com vagas por ordem de chegada.

MÚSICA

Noite dos Disfarces

✱A Noite dos Disfarces será realizada em 31 de outubro, a partir das 20h, no Temporâneo, no espaço AABB, em Brasília. A programação inclui shows das bandas Alma Rock e Romanov, discotecagem do DJ Flávio Fatboy e concurso de fantasias. O evento reúne pela primeira vez os organizadores Somos Quadrado, Verri & Verri e Paulinho Madrugada. A Arte em Fantasia participa da iniciativa com a decoração e descontos para quem preparar os figurinos com a empresa. Os ingressos custam a partir de R\$ 80 e podem ser adquiridos pela Bilheteria Digital. A festa propõe uma noite temática com música ao vivo e criatividade.



4ª edição do Festival Despertacular ocupa Espaço cultural

ENTREVISTA | ERYK ROCHA

CINEASTA

Cláudio Andrade/Festival do Rio



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Segunda-feira, dia em que o Brasil pode amanhecer sob a luz da democracia ou soterrado nas trevas conservadoras, a depender das urnas, neste 25 de outubro, “Elza” vai tomar a 50ª Mostra de São Paulo de assalto. Tem projeção às 21h25, no Espaço Petrobras 1 e volta a ter sessão na quarta, às 16h45, no Cinesystem Belas Artes Frei Caneca. Ele está em Portugal agora, a exibir no DocLisboa, o filme que lhe rendeu o troféu Redentor de Melhor Documentário e menção honrosa no prêmio Olhar Brasil do Correio da Manhã no Festival do Rio. Volta sábado... para votar (marcando o L).

“Estamos diante de um novo fascismo que se chama ultra neoliberalismo. Desde que levei o ‘Elza’ para o Festival de Roma, na semana passada, noto que a Europa vive um clima similar ao do Maio de 68, num combate generalizado ao avanço das extremas-direitas, que hoje põem o Brasil em risco. A música de Elza Soares, neste contexto, é um chamado à democracia”, diz o realizador de cults como “Rocha Que Voa” (2002) e “Cinema Novo”, ganhador do Prix L’Oeil d’Or de Cannes, em 2016.

Seu documentário sobre Elza Soares (1930-2022) é um coro vivo de pleitos antirracistas e antissextistas. Bota plateias de joelho, por onde passa, com a exuberância de seu fluxo, em sons e imagens. Na entrevista a seguir, Eryk clama por consciência na hora de votar: “A cada risco que a gente tem de retroceder, a voz da Elza nos guia à luta. Hoje o que pode puxar a virada do Lula é menos a campanha dele e mais a mobilização popular, a juventude”, diz o cineasta.

O Brasil está às portas de uma eleição decisiva. Como você enxerga o nascimento de “Elza” nesse momento de tanta tensão política?

Eryk Rocha - O filme nasce num momento muito forte. O Brasil está em carne viva, à flor da pele. Estamos numa encruzilhada da História. Precisamos decidir se continuamos sendo uma nação ou se voltamos a ser uma colônia. É essa a escolha que está presente nessas eleições. A voz da Elza, inclassificável, única, é um chamado à democracia, à igualdade social e à justiça. Ela sempre projetou a possibilidade de um país mais justo, igualitário,



Eryk Rocha no tapete vermelho do Festival do Rio após a estreia de seu .doc ‘Elza’

‘Estamos numa encruzilhada da História’

democrático e amoroso.

A voz dela parece ultrapassar a experiência individual e incorporar uma coletividade. Como o filme constrói essa passagem da biografia para o retrato de um país?

A Elza é um corpo coletivo, um corpo Brasil. Ela se deixa coletivizar no filme. É um espelhamento das muitas Elzas espalhadas pela nação... de muitas mulheres, das pessoas negras, das pessoas LGBTQIPA+, das gentes das periferias e de tantas outras vivências que nem sempre encontram espaço para expressar

sua voz. A trajetória dela nos permite olhar para essas experiências. Por isso, acredito que o filme provoca uma emoção coletiva: a gente não está apenas contando a vida de uma artista, mas reconhecendo nela uma multidão.

Logo após sua primeira projeção, no Festival do Rio, “Elza” recebeu menção honrosa na primeira edição do prêmio Olhar Brasil, criado pelo Correio da Manhã. Que importância esse reconhecimento teve para você?

Foi muito legal, porque foi o pri-

meiro prêmio do filme. É emocionante ver que ele está conseguindo se comunicar com o público. Talvez seja um dos meus filmes mais populares, no sentido de conseguir alcançar uma audiência muito ampla. Na Itália, por exemplo, encontrei pessoas que nunca tinham ouvido falar da Elza Soares e que saíram emocionadas, querendo conhecer mais aquela mulher e ouvir sua música. Esse era o meu desejo.

Você acaba de voltar do Festival de Roma, com um filme em que Elza Soares canta em italiano. Que simbolismo há nessa troca geopolítica com a pátria do neorealismo?

A Elza foi morar na Itália, com o Garricha, depois de ser exilada na ditadura, quando teve a sua casa metralhada. Abri essa discussão, com ela cantando em italiano, naquele que, junto com a França, é o país do cinema. A tradição que ajudou a me formar foi a filmografia de Antonioni, de Rossellini, de Pasolini, de Carmelo Bene. A projeção lá foi uma catarse.

Que diálogo histórico – e estético – você buscou ao calçar os relatos de Elza com signos potentes da história do cinema brasileiro, especialmente em diálogo com “Rio, Zona Norte” (1957), de Nelson Pereira dos Santos, na figura do sambista vivido por Grande Otelo?

Não é só Grande Otelo. Tem Ruth de Souza. Tem Zezé Motta. Meu intuito era trazer uma camada de arquivos que dialogasse com a cinematografia brasileira e latino-americana. Esse espelhamento permite que a Elza apareça em relação com outros atores e atrizes negros, com outras histórias e imagens que também fazem parte da nossa formação. Quando ela partiu, em 2022, eu estava começando a montagem e pensei que não conseguiria continuar apenas com o material que havia filmado. Retomei o trabalho dois anos depois, ampliando o filme com a pesquisa de arquivos. Queria que as novas gerações conhecessem a origem daquela mulher que se tornou uma artista do mundo, mas também que as gerações mais velhas descobrissem outras dimensões dela. As primeiras críticas que saíram na imprensa da Itália, após a projeção no Festival de Roma, identificaram que a palavra mais recorrente no filme é “luta”. Fiz esse filme para o Brasil, para mim e para a Elza, ao lado de mulheres brasileiras e mulheres negras. Se as pessoas saírem de “Elza” inspiradas e fortalecidas para continuar as suas lutas... para continuar sonhando e sonhando longe... esse será o meu grande prêmio.

“A gente não está apenas contando a vida de uma artista, mas reconhecendo nela uma multidão”



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Considerada a mais forte aposta para o Oscar de Melhor Filme Internacional de 2027 (pelo menos até o nosso “Feito Pipa” começar a exportar seus encantos), a Espanha emplacou um fenômeno comercial com “A Bola Preta” (“La Bola Negra”), épico queer exibido na abertura do Festival do Rio, no último dia 1º. Sua receita caminha para US\$ 30 milhões, um número que, em terras ibéricas, só Pedro Almodóvar faz. Não por acaso, a El Deseo, produtora que ele tem com o irmão, Agustín Almodóvar, é quem ajudou a viabilizar a saga de Javier Ambrossi e Javier Calvo sobre três homens gays em diferentes momentos da História espanhola.

Há, contudo, um segundo acontecimento gestado entre Madri e Barcelona e que também periga chegar à festa de Hollywood, só que na categoria Melhor Ator, coroando um outro Javier, o Bardem. “El Ser Querido”, de Rodrigo Sorogoyen, virou sensação em Cannes, onde disputou a Palma de Ouro, e chega agora à Mostra de São Paulo. Bardem vai tomar o Reserva Cultural paulistano para si neste sábado, às 17h30. No domingo, dá tempo de votar com folga para ver essa joia na maratona da Pauliceia: sua sessão rola às 16h, no Cultura Artística.

Num desempenho colossal, Bardem interpreta Esteban Martínez, cineasta renomado que reencontra a filha atriz durante as filmagens de um longa e é obrigado a confrontar



Javier Bardem interpreta um irascível diretor em ‘El Ser Querido’, sensação de Cannes

Efeito Bardem

Com sessões no sábado e domingo na Mostra de SP, ‘El Ser Querido’ amplia a chance de o astro espanhol concorrer ao Oscar, aumentando a fama audiovisual de sua pátria

décadas de ressentimentos familiares.

A produção abriu um dos debates mais acalorados da Croisette neste ano. O reencontro entre pai e filha transforma-se numa investigação emocional sobre orgulho, afeto e reconhecimento. Ao lado de Victoria Luengo, Bardem conduz uma batalha interpretativa que confirma a sin-

tonia entre o ator e uma geração de realizadores espanhóis interessados em explorar as fissuras da identidade contemporânea.

Foi durante a divulgação do filme que o ator voltou a usar sua visibilidade para tratar de questões políticas. Fiel a uma trajetória marcada pelo ativismo, ele reiterou seu posi-

cionamento sobre a guerra em Gaza. “Estou a tentar ser mais empático a cada dia. Estou a ficar mais velho e noto que certos factos não mudam. O genocídio em Gaza é um facto. Posso ajudar de forma humilde trazendo esse assunto à baila. A mobilização muda situações. É importante poder olhar ao espelho e estar afina-

do com a sua ética”, afirmou diante da imprensa internacional.

A disposição para o confronto público acompanha Bardem desde os tempos em que se consolidou como um dos rostos mais importantes do cinema europeu. Filho da atriz Pilar Bardem e integrante de uma das famílias mais tradicionais das artes espanholas, ele construiu uma carreira guiada por escolhas arriscadas. Foi indicado ao Oscar por “Antes que Anoiteça”, recebeu nova nomeação por “Biutiful”, venceu em Cannes por esse mesmo filme em 2010 e entrou definitivamente para a história da Academia ao conquistar a estatueta por “Onde os Fracos Não Têm Vez”, dos irmãos Coen, em 2008.

No fim deste ano, Bardem regressará aos cinemas em “Duna: Parte Três”, conclusão da trilogia de Denis Villeneuve inspirada na obra de Frank Herbert. O ator volta ao papel de Stilgar, líder fremen que se tornou uma das figuras mais carismáticas da saga

DICAS DE SEXTA

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

AMADEO E O HIPOTÉTICO MUNDO NOVO, de Brenda Lúcia, Edu Felistoque e Everton Amorim (Brasil): Revelado mundialmente no Festival Internacional de Cinema de Xangai, esta delícia de animação apresenta uma fantasia histórica ambientada no Brasil de 1830. Seu enredo acompanha Amadeo, jovem de origem africana, sensível e genial, que inventa a câmera fotográfica antes dos europeus. Com sua criação, ele ajuda na libertação de pessoas escravizadas enquanto vive uma paixão impossível. Onde: Itaú Cultural, 12h.



Divulgação

A VIOLÊNCIA DE NINGUÉM (“Violence Du Corps De L’Autre”), de Denis Côté (Canadá): Um dos achados francófonos da disputa pelo Leopardo de Ouro de 2026, em Locarno, este thriller existencialista bate ponto agora em terra paulista. Na trama escrita e filmada por Côté, Mira, uma mulher solitária e de poucas palavras, viaja pelo mundo, encontrando pessoas desesperadas com quem parece estabelecer estranhos pactos mortais. Visualmente é o trabalho mais radical do diretor. Onde: Cinemateca Sala Grande Otelo, 17h.



Divulgação

PRIVADAS DE SUAS VIDAS, de Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner (Brasil): Uma mistura escatológica (e genial) de comédia com horror gore. Seu enredo é um convite à surpresa. Após perder um dos filhos gêmeos em um acidente, Malu (Martha Nowill) vive em conflito com o adolescente sobrevivente, uma pessoa não binária que exige reconhecimento em sua identidade. Pressionada financeiramente, ela aceita organizar a festa de revelação de gênero da bebê da vizinha. Onde: Cinesystem Frei Caneca 4, 19h15.



Diretor comemora na maratona paulistana as vitórias de seu ‘O Deserto de Luiza’ no Festival do Rio e a recepção da China a uma saga sobre uma adolescente em crise familiar



Nina Prado ganhou a láurea de Melhor Atriz da mostra Novos Rumos do Festival do Rio

Depois de Xangai e do Redentor, Alan Minas vai à Pauliceia

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Uns quatro meses antes de conquistar a láurea de júri popular da seção Novos Rumos do 28º Festival do Rio, “O Deserto de Luiza”, do carioca Allan Minas, cruzou o mundo e foi competir em Xangai,

exportando a força poética do cinema brasileiro para a China. Realizador do doce “A Família Dioni” (2015), Minas encantou plateias asiáticas com seu retrato para a luta de uma adolescente que cresce num contexto de saúde mental em quebra. Com produção de Daniela Vitorino, sua trama segue Luiza (Nina Prado), uma jovem tímida, apaixonada por desenho, que entra

no grupo de graffiti da escola e vivencia o primeiro amor. Quando a mãe dela sofre um surto psicótico, sua família desmorona. Na tentativa de reconstruí-la, Luiza terá de enfrentar o medo, a solidão e o preconceito, além de descobrir seu próprio caminho para ser feliz. Nina foi eleita Melhor Atriz por seu desempenho, na Première Brasil, levando um troféu Redentor para casa. Nesta sexta, às 16h10, o

Espaço Petrobras 3 há de assegurar os aplausos da 50ª Mostra de São Paulo para essa estrela e seu realizador. “Logo no primeiro ensaio, com Dani Fontan e Nina Prado, soube que estava diante de duas atrizes maravilhosas”, explica Alan Minas ao Correio da Manhã. “Construímos um território de confiança, para depois aprofundarmos nas questões da narrativa, às experi-

mentações. Assim, seguras, uma com a companhia da outra, as atrizes atravessavam a fronteira entre a lucidez e a loucura. Corriam riscos. Criou-se um senso de interdependência entre elas, espelhando, de certo modo, a relação que também acontecia na narrativa. Um jogo empolgante sempre em busca de descobertas, de emoções profundas. A catarse nos rondava, era um objetivo constante, apesar de utópico”.

Segundo o cineasta, Luiza, em seus 15 anos de idade, representa uma parcela de jovens que, em seu movimento de descoberta do mundo, precisa também confrontar fantasmas e desafios dentro da própria casa.

“A elaboração da personagem Luiza pode ser corroborada pela imagem de um quebra-cabeça, em que, a cada peça que eu colocava à mesa, a atriz buscava outra a encaixar. Eram memórias e sentimentos que, juntos, perscrutamos para, aos poucos, darmos um sentido amplo, uma configuração total à narrativa”, explica Alan Minas. “Como num quebra-cabeça, a elaboração não foi linear, experimentamos lampejos de conexões e sentidos. Assim, o filme ia, aos poucos, ganhando tamanho, erigindo-se dentro dela”.

Ele lembra com orgulho da viagem por circuitos chineses: “Foi uma grande estreia fazer parte da competição principal do 28º Shanghai International Film Festival. A curiosidade de saber como uma plateia, do outro lado do mundo, reagiria, se transformou em uma experiência marcante”, diz Alan Minas. “O público acolheu às sensíveis nuances que o filme traz, reagindo com emoção aos traços oníricos e poéticos desse nosso filme. Foi uma experiência única, que transcende o campo cinematográfico, seguirá para sempre vívida em mim”.

DICAS DE SÁBADO

POR **RODRIGO FONSECA**



Divulgação

A GINASTA (The Gymnast), de Charlotte Glynn (EUA): Ambientado no início dos anos 1990, a jovem atleta Monica (Britney Wheeler) tem a ambição de disputar os Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta. É lá que ela quer estar, a representar os EUA na ginástica. Mas um acidente repentino torna improvável, na melhor das hipóteses, o seu futuro como atleta de elite. Seu mundo desaba, juntamente com o de seu pai, que fez tudo para apoiar a carreira de sua filha. Os dois têm de se reinventar. Onde: Cinesystem Frei Caneca 1, 13h



Divulgação

O ÚLTIMO DIA (“The Last Day”), de Rachel Rose (EUA): Tem Wagner Moura na área. O Festival de Tribeca (EUA) foi o primeiro a conferir os novos passos do astro de “O Agente Secreto” ao lado da sueca Alicia Vikander. Inspirado no romance “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, o longa narra o bloqueio criativo da escritora Julia (Alicia), às voltas com um antigo amor chamado Peter (Wagner). É uma trama sobre revisão de carreira e reconstrução de caminho. Onde: Cultura Artística, 15h.



LUCIANA VERMELL/CBF

RAY GUNN, de Brad Bird (EUA): Este noir futurista animado, com um elenco de vozes invejável (a começar por Tom Waits), marca a volta do realizador de “Os Incríveis” (2004) e de “Ratatouille” (2007) ao esquema livre de criação de que ele desfrutava antes de brilhar na Pixar. Com a voz de Sam Rockwell, Ray é um detetive fracassado que consegue uma chance de se reinventar, numa Terra lotada de ETs, ao investigar os perigos que cercam uma cantora, interpretada por Scarlett Johansson. Onde: Cinesystem Frei Caneca 2, 17h.

Realizador de
'Ainda Estou Aqui'
leva à Mostra dois
episódios, com
versão inacabada,
da série
'Sócrates
Brasileiro',
sobre o
craque intelectual
da Seleção

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Cerca de seis meses de se tornar o único diretor brasileiro a ter um Oscar no currículo, Walter Salles foi ao Festival de San Sebastián, na Espanha, buscar um outro mimo inédito para o nosso cinema, o Grand Prix Fipresci, dado ao mesmo longa-metragem que fez Hollywood premiar sua estética politicamente crítica: "Ainda Estou Aqui". Num papo com o Correio da Manhã, ele se mostrou apressado e atribuiu a falta de tempo a seu empenho com um projeto que pode ser tornar a maior sensação da 50ª Mostra de São Paulo: a série documental "Sócrates Brasileiro", ainda em finalização.

Dois episódios, totalizando 140 min, mas ainda em fase de finalização)=, vão ser projetados no Espaço Petrobras nesta sexta. Há uma sessão na sala 2, às 17h45, e uma na sala 3, às 18h.

Dois dos cinco episódios de 'Sócrates Brasileiro' vão mobilizar o Espaço Petrobras nesta sexta, em SP

Somos levados ao Brasil de 1954, com foco numa reflexão de Waltinho (apelido do cineasta): que país era esse em que jovens pais autodidatas, ambos funcionários públicos, nomearam seu primeiro filho "Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira"? Esse é o ponto de partida do seriado,

previsto para novembro, no Globoplay, com fotografia de Pablo Baião. É um retrato afetivo de um dos personagens mais fascinantes da história recente do país — um jogador de futebol de biografia singular, que foi médico e ativista político. Essa série percorre, em cinco episódios, a trajetória de Sócrates (1954-2011)

e sua conexão reflexiva e ativa com a realidade social do Brasil.

O episódio 01 se chama "Raio de Ouro", que, ao percorrer a infância e adolescência de Sócrates - de Belém a Ribeirão Preto, com raízes no Ceará -, fala da migração interna brasileira e do sonho de construção de um país livre no final dos anos

1950, interrompido pelo golpe de 1964. Na sequência, o Episódio 02 ("Ganhar ou perder, mas sempre com democracia") apresenta a sua chegada ao Corinthians em 1978 e, a partir do encontro com Wladimir, Zé Maria, Casagrande e Zenon, traça a epopeia que levou à criação da Democracia Corinthiana em plena ditadura militar.

A Mostra tem uma relação longa com Waltinho, que lançou por lá o .doc "Jia Zhangke, um Homem de Fenyang" (2014), feito num período onde sua principal conexão com a ficção se deu pelo curta "Quando a Terra Treme". Antes de se debruçar sobre "Ainda Estou Aqui" e de esmiuçar arquivos de Sócrates, ele trabalhou ativamente como produtor e assinou os créditos do documentário "Marinheiro das Montanhas", de Karim Aïnouz, e da animação "Arca de Noé", de Sergio Machado e Alois Di Leo.

Plataformas digitais hoje mantêm seu legado ativo, com destaque para "Central do Brasil", que deu a ele o Urso de Ouro da Berlinale, em 1998, e concorreu ao Oscar em 1999, com indicação ainda para a diva Fernanda Montenegro (mãe de Torres, que divide com ela o papel de Eunice, em "Ainda Estou Aqui"). Há 28 anos, a produção centrada na jornada da escrevinhadora de cartas Dora vendeu 1.186.859 entradas em sua carreira comercial e faturou cerca de US\$ 22 milhões mundialmente. Hoje pode ser visto na Netflix. Sua forma de mesclar melodrama com procedimentos documentais, amparado num olhar sobre as urgências e carências do Brasil da década de 1990 deflagrou o movimento chamado de A Nova Onda Latino-Americana, que revelou autoridades (Lucrecia Martel, Pablo Trapero, Fernando Meirelles, Alejandro González Iñárritu) em variadas latitudes do continente.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



JULIÁN , de Louise Bagnall (Luxemburgo e Irlanda): Animação queer consagrada em festivais de peso, como o de Annecy. De origem dominicana, Julián é um garoto curioso que vai passar o verão com uma avó que mal conhece. Ao chegar ao apartamento dela, no Brooklyn, descobre um universo repleto de memórias, tradições caribenhas e uma vibrante comunidade local. Em meio a essa jornada de autoconhecimento, faz uma descoberta surpreendente. Onde: Espaço Petrobras 3, 11h.



PRIMETIME, de Lance Oppenheimer (EUA): Robert Pattinson está assombroso nesse thriller nietzschiano que marca a estreia de um dos mais badalados documentaristas americanos na ficção. Indicado ao Leão de Ouro de Veneza, o longa recria, de forma enervante o período de transição na TV americana na qual séries de prestígio, como "Lost", deram lugar a jornalismo de entretenimento em forma de narrativas investigativas. Pattinson vive o aposentador de um programa cujo foco é caçar pedófilos. Onde: Reserva Cultural, 13h.



AQUI NÃO É O SEU LUGAR ("You Don't Belong Here"), de Florin Serban (Romênia): O ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno pede passagem. Sua trama vai na cola de Marius, diretor de um hospital em sua cidade natal, onde cria sozinho o filho adolescente, Ioan, desde a morte da mulher. É um profissional seguro de si, que não faz ideia do que seu rebento anda fazendo à noite, percorrendo a cidade de bicicleta e vandalizando carros ao lado de um grupo de justiceiros mascarados. Onde: Espaço Petrobras Sala 3, às 20h.

CRÍTICA FILME | CARA-DE-BARRO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O Dorian Gray dos balãoezinhos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois da vergonha que passou com “Supergirl”, o pior filme do ano (até agora), a DC sofre abalos em seu projeto de rivalizar - para além do mercado editorial - com a Marvel, apostando no cinema como uma arena paralela. Quer, de todo jeito, disputar hegemonia no imaginário das HQs, no qual o Cara-de-Barro sempre foi um vilão secundário.

Como a ideia de explorar a fauna de tipos maus de Gotham City já rendeu à Warner Bros. um cult de bilheteria bilionária vencedor de Oscars (“Coringa”, ganhador do Leão de Ouro de Veneza, em 2019), não haveria razão de dar adeus ao projeto de levar os inimigos do Homem-Morcego às telonas. Só não se esperava que o trabalho do cineasta James Watkins, ao moldar uma narrativa minimamente digna com um criminoso de feições maleáveis, saís-



Divulgação

O Overman de Caco Ciocler dá mais vexame do que o Deadpool

se tão sofisticado.

“Clayface” funciona como thriller (cheio de suspense), tem estilo requintado de filme noir clássico e ainda cai como uma luva nesta época do ano na qual a festa de Halloween (o 31 de outubro) convida o audiovisual a lançar narrativas horroríficas. Temos aqui

algo que dá aflição... e medo... num debate moral.

O Cara-de-Barro que quadrinhófilos conhecem surgiu em 1940, com ecos de “O Fantasma da Ópera”, inspirado em atores da caracterização sombria como Lon Chaney, Boris Karloff e Basil Rathbone. Seu nome era Basil Karlo

e seu intuito era copiar tramas de terror para assustar o povo de Gotham. Mais adiante, em 1961, o codinome do personagem foi aplicado a Matt Hagen, um sujeito capaz de alterar a própria forma.

Recentemente, a Panini Comics publicou no Brasil o álbum gráfico “Um Dia Ruim”, pilotado por

artistas como Collin Kelly, Jackson Lanzing e Xermanico, combinando os perfis de Hagen e Karlo. Pautado numa montagem febril, o longa de Watkins (realizador de “A Mulher de Preto” e “Atentado em Paris”) investe nessa mesma combinação, mapeando os bastidores da indústria do audiovisual sem puderes da cultura woke

Seu Matt Hagen é o dionisíaco Tom Rhys Harries (em inspirada atuação). Astro em ascensão, ele sofre uma brutal retaliação de um mafioso e vê sua beleza apolínea ir pro brejo, ao tomar uma coça. Com zero chance de voltar a atuar, recorre às pesquisas dermatológicas e carnis de uma cientista, a Dra. Caitlyn (Naomi Ackie), a fim de restaurar seu look angelical. O pacto que decide travar com o saber científico vai custar algo além de sua alma. Qual um Dorian Gray pós-moderno, ele perde a lucidez. Essa perda é galvanizada pela habilidade que adquire de metamorfosear sua aparência. Trocar de rosto é apenas uma fração de seu desejo de esculpir um novo destino, o que deflagra um comportamento nas raiais da vilania. O Cara-de-Barro nos assusta, em especial pela estrutura de body horror à la “A Substância” (2024) no qual Watkins investe, para banhar a telona de sangue, com olhos rasgados e sede de vingança. O capricho com a direção de arte evoca a riqueza visual das revistinhas da DC, como há tempos não se via.

CRÍTICA FILME | OVERMAN

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Não contavam com a astúcia do Chapolim da Laerte

Um dos atores mais prolíficos (e inventivos) deste país, onde também é um sazonal diretor, Caco Ciocler vive momentos similares aos da experiência de Michael Keaton em “Birdman” (de 2014) na delícia que é “Overman”. Calorosamente aplaudida no Festival do Rio, essa produção de Iafa Britz funciona na telona como se fosse um exemplar da revista “Mad” em forma de filme.

Seu realizador, Tomás Portella, teve um cuidado que pouquíssimos cineastas (Ang Lee é o mais notório nessa seara) têm ao adaptar HQs: incorporar plasticamente no plano, pelas vias dos enquadramentos, a estética das artes gráficas.

Seu filme parece uma tirinha viva, graças à sagacidade de Cláudio Amaral Peixoto na direção de arte, em sintonia com os quadrinhos da Laerte. Talento que ainda não desfruta do prestígio merecido, o diretor, conhecido por “Desculpe O Transtorno” (2016) e “Operações Especiais” (2015), embrenha-se por um mar de quadrinhos brasileiros a fim de dar ao nosso cinema um super-herói que seria reprovado pelos Vingadores e faria o Deadpool passar vergonha.

Assim mesmo, o Overman de Caco Ciocler é chamado pelo governador do Rio para a Secretaria de Segurança Pública. Diante do talento magistral de seu protago-



Divulgação

O Overman de Caco Ciocler dá mais vexame do que o Deadpool

nista, essa convocação é bem justificada. E dela há de brotar um mar de risos. Caco faz de seu vigilante uma mistura de Hellboy com o Pacificador de John Cena. Victor Lamoglia rouba muitas cenas pra si (como já é seu costume) no papel de um Robin comunista.

Já Karina Ramil faz da Mulher-Cachorro uma Viúva Negra subtropical cheia de empoderamento e graça. O que ela entrega é destemido, assim como Maria Lucas (no papel de uma celebridade midiática) numa mirada crítica para o heroísmo que mais parece Chapolim Colorado, só que com ação a granel.

Perfumada de antropofagia, a narrativa de Portella se sganzerla bem no diálogo com Laerte, um signo trans. Sua obra (e sua vida) são transgressão pura. “Overman” segue nesse barato, vestido por Reka Koves e Nathalia Campos, que dão aula de saber pop na confecção dos figurinos.

Modernismo: o futuro do passado do Brasil

Peça mostra
como o
movimento
artístico de 1922
segue atual
no mundo
contemporâneo

Por Mayariane Castro

A Agrupação Teatral Amacaca (ATA) apresenta o espetáculo “Futuro do Passado” no Museu Nacional da República, em Brasília, até sábado (24), com sessões diárias às 20h. A montagem aborda a Semana de Arte Moderna de 1922 e a trajetória do modernismo brasileiro por meio de teatro, dança, música e artes visuais. Os ingressos custam R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) e podem ser adquiridos pela plataforma Symppla, no endereço bit.ly/ATAFuturoPassado26.

A peça percorre diferentes espaços do museu e propõe uma leitura do movimento modernista a partir de questões contemporâneas.

A encenação relaciona as transformações culturais iniciadas no começo do século 20 aos debates atuais sobre sociedade, política, produção artística e identidade nacional. A temporada é realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Antropofagia

Estreada em 2023, no mesmo local, a obra parte da antropofagia cultural, conceito associado ao mo-



Diego Bresani

A peça percorre os vários espaços do Museu Nacional contando a história do Modernismo

dernismo brasileiro e à proposta de incorporar referências externas para produzir formas próprias de expressão. A ideia ganhou destaque com o Manifesto Antropófago, publicado por Oswald de Andrade em 1928, e se tornou uma das referências do debate sobre a construção de uma cultura brasileira independente de modelos europeus.

Em “Futuro do Passado”, a

ATA retoma esse pensamento para discutir a formação do modernismo e seus desdobramentos. A montagem foi concebida coletivamente pelo elenco, com coordenação geral de Márcia Duarte e direção cênica de Abaetê Queiroz, integrantes do grupo. O trabalho também presta homenagem ao diretor e professor de teatro Hugo Rodas, que participou da funda-

ção da companhia e conduziu suas atividades até sua morte, em 2022.

Segundo Márcia Duarte, a proposta é revisitar o marco de 1922 a partir das questões do presente. A coordenadora afirma que o debate sobre o modernismo permanece relevante diante de disputas em torno do conhecimento e de conquistas culturais, sociais e políticas. A encenação busca, as-

sim, aproximar a história das artes brasileiras das discussões sobre os rumos do país.

Para Abaetê Queiroz, a ocupação do Museu Nacional da República implica uma responsabilidade relacionada ao espaço e ao conteúdo apresentado. O diretor destaca que a montagem articula cenas, música, performances e instalações ao percurso do público pelo edifício.



Reprodução

Proposta de “antropofagia” de Oswald segue atual

A eterna Semana de Arte de 1922

Questões abordadas pelo Movimento Modernista sobre a produção artística brasileira seguem atuais

Realizada no Theatro Municipal de São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna reuniu artistas e escritores interessados em romper com padrões acadêmicos e discutir novos caminhos para a produção cultural.

O evento incluiu apresentações musicais, leituras literárias e exposições de artes visuais. Entre os participantes estavam nomes

como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Di Cavalcanti.

A Semana não representou o início isolado de todas as mudanças estéticas do período, mas se tornou uma referência para a história do modernismo no país.

As propostas de renovação artística se desdobraram em diferentes campos, como literatura, arquitetura, música e artes plásti-

cas, e contribuíram para ampliar o debate sobre as relações entre cultura, identidade nacional e influências estrangeiras.

Oswald de Andrade

A antropofagia cultural, formulada por Oswald de Andrade alguns anos depois, propunha que a cultura brasileira assimilasse referências de outras tradições sem se limitar à reprodução de modelos importados. A ideia passou a integrar as interpretações sobre o modernismo e continua a ser retomada em trabalhos que discutem identidade, diversidade e autonomia cultural.

Ao levar essa discussão ao Museu Nacional da República, a ATA associa o debate histórico à ocupação de um espaço dedicado à arte e à cultura. O público acompanha a encenação em diferentes ambientes do edifício, em um percurso que combina linguagens artísticas e deslocamento físico. A estrutura faz do espaço parte da dramaturgia e da relação com os espectadores.

Há 40 anos, o Concreto rachou em Brasília

Plebe Rude faz audição comentada do seu disco de estreia neste sábado

Por Mayariane Castro

A banda Plebe Rude realiza, neste sábado (24), uma audição comentada de seu primeiro álbum, “O concreto já rachou”, na Oto Livraria, na 302 Norte, bloco E, loja 39, subsolo, em Brasília. O encontro celebra os 40 anos do lançamento do disco e apresenta ao público a edição deluxe da obra, que reúne o LP em capa dupla e um compacto com gravações demonstrativas feitas antes da produção do álbum. A entrada é gratuita, condicionada à lotação do espaço.

A programação ocorre das 14h às 18h e contará com a presença dos fundadores da banda, André X, baixista, e Philippe Seabra, vocalista e guitarrista. Com mediação do jornalista Pedro Brandt, os músicos vão comentar as sete faixas do trabalho e relatar aspectos dos processos de composição e gravação. A audição do LP está prevista para as 16h. As sessões de autógrafos serão realizadas das 14h30 às 15h30 e das

17h às 18h. O disco também estará à venda no local.

Lançado em 1986, “O concreto já rachou” integra a história do rock brasileiro dos anos 1980 e reúne canções que tratam de desigualdade social, repressão e contradições políticas. Entre as faixas mais conhecidas estão “Até quando esperar”, “Proteção” e “Brasília”. As letras abordam questões sociais e a relação entre os cidadãos, as instituições e o poder público, temas que marcaram a produção da banda desde o início da carreira.

A nova edição inclui uma capa no formato gatefold, com abertura em duas partes, e um compacto com demos gravadas pelo grupo antes do LP. O material permite acompanhar uma etapa anterior à versão que chegou ao mercado e contextualiza a preparação do álbum. A audição comentada propõe revisitar as músicas a partir das lembranças dos integrantes que participaram de sua criação.

Cena brasiliense

Formada em Brasília em 1981, a Plebe Rude surgiu em meio à



Edição de luxo celebra os 40 anos de álbum icônico da música brasileira

movimentação musical que consolidou a capital federal como um dos centros do rock brasileiro. A banda foi criada por Philippe Seabra, André X, Jander Bilaphra e Gutje Woorthmann, jovens que encontraram no punk rock uma referência sonora e uma forma de expressão para questionar a realidade política e social do país.

A formação do grupo está ligada à cena independente que se desenvolveu em Brasília no fim dos anos 1970 e no início da década seguinte. Ensaaios em garagens, encontros entre músicos e apresentações em espaços locais ajudaram a estabelecer uma rede de bandas que passou a produzir repertório próprio. Nesse am-

biente também surgiram grupos como Aborto Elétrico, que esteve na origem de projetos como Legião Urbana e Capital Inicial.

A distância dos principais centros da indústria fonográfica não impediu que os músicos brasilienses desenvolvessem uma produção com características próprias.

Um ícone da história musical brasileira

A cena brasiliense dos anos 80 criou uma das gerações mais instigantes da cultura

A presença de jovens de diferentes origens familiares e o convívio em áreas residenciais da capital favoreceram a circulação de referências musicais internacionais, especialmente do punk britânico. A Plebe Rude incorporou essa influência a letras em português que abordavam problemas brasileiros.

A trajetória da banda acompanhou a transição política do país nos anos 1980, período marcado pelo processo de redemocratização e pela mobilização em torno de direitos civis e participação política. Nesse contexto, as composições do grupo deram espaço a críticas à desigualdade, à violência institucional e às relações de poder. A capital federal, sede dos órgãos centrais do go-

verno, também se tornou referência recorrente no repertório.

O primeiro trabalho da Plebe Rude chegou ao público em 1986, com produção de Herbert Vianna, integrante dos Paralamas do Sucesso. O disco ajudou a ampliar o alcance nacional da banda e estabeleceu parte do repertório que continuaria associado ao grupo nas décadas seguintes. “Até quando esperar” aborda a desigualdade e a concentração de recursos, enquanto “Proteção” trata da relação entre os indivíduos e as estruturas de autoridade. A faixa “Brasília” apresenta uma leitura crítica da cidade e de sua dimensão política.

Questões políticas

O álbum se insere em uma



Philippe Seabra comentará processo de criação do disco

geração de artistas que ampliou a presença do rock na música popular brasileira e levou questões políticas ao repertório de bandas com circulação nacional. Ao lado de outros nomes ligados à

capital, a Plebe Rude contribuiu para consolidar a imagem de Brasília como espaço de produção musical e de articulação de uma juventude interessada em discutir o país por meio da cultura.

Após o lançamento, o grupo continuou a gravar e a se apresentar, com mudanças de formação e períodos de interrupção ao longo da carreira. Em 1987, lançou “Nunca fomos tão brasileiros”, que manteve a crítica política entre os temas centrais. A banda atravessou dificuldades nos anos seguintes, mas retomou atividades e voltou a se apresentar para diferentes gerações de público. Sua discografia passou a reunir trabalhos de estúdio e registros ao vivo, mantendo a produção autoral como parte de sua identidade.

Quatro décadas depois do lançamento, a edição deluxe e a audição comentada oferecem uma oportunidade de revisitar o processo de criação do álbum.